

SEPULTURAS RUPESTRES NA IGREJA PAROQUIAL DE TRAVANCA (SANTA MARIA DA FEIRA)

CARLOS FERREIRA*

LINDA MELO**

ARTUR FONTINHA***

Resumo: A intervenção arqueológica na igreja paroquial de Travanca (Santa Maria da Feira) decorreu entre 2016 e 2017. Foram identificadas e escavadas um total de 410 sepulturas com uma longa diacronia, desde época altomedieval até ao início da época contemporânea. Apresentam-se os dados arqueográficos obtidos sobre a ocupação mais antiga identificada no sítio arqueológico. Trata-se de sepulturas escavadas na rocha de época altomedieval. A sua orientação era divergente em relação ao templo atual e apresentavam essencialmente quatro formas distintas. A apresentação destas sepulturas possibilita participar no ainda aceso debate sobre as sepulturas escavadas na rocha por constituírem uma realidade problemática no seio da Arqueologia.

Palavras-chave: Sepulturas escavadas na rocha; Necrópole; Alta Idade Média; Arqueologia funerária.

Abstract: The archaeological intervention in the parish church of Travanca (Santa Maria da Feira) took place between 2016 and 2017. A total of 410 graves were identified and excavated with a long diachrony from high medieval times until the beginning of the contemporary era. The archaeological data obtained on the oldest occupation identified in the archaeological site are presented. These are graves dug in the rock of a high medieval time. Their orientation was divergent from the present temple and they essentially presented four distinct forms. The presentation of these graves makes it possible to participate in the still heated debate about the graves excavated in the rock because they constitute a problematic reality within Archaeology.

Keywords: Rock-cut graves; Necropolis; High Middle Ages; Funerary Archaeology.

1. INTRODUÇÃO: AS RAZÕES DA INTERVENÇÃO

A igreja paroquial de Travanca foi alvo de uma ampla intervenção arqueológica entre 2016 e 2017 no âmbito do Projeto de Recuperação e Ampliação da Igreja Paroquial de Travanca em Santa Maria da Feira. Esta intervenção foi realizada pela empresa AFA, tendo como responsáveis científicos os arqueólogos Carlos Ferreira e Artur Fontinha e a antropóloga Linda Melo. A intervenção arqueológica teve a duração de um ano e foram escavados manualmente 480 m². A considerável área de

* Arqueologia e Formação Aplicada (AFA). Email: del.charles@gmail.com.

** Bolseira de Doutoramento FCT- SFRH/BD/130165/2017 (Laboratório de Pré-história, CIAS — Departamento Ciências da Vida, Universidade de Coimbra).

*** Arqueologia e Formação Aplicada (AFA).

escavação bem como o avultado número de sepulturas e indivíduos tornou morosos os trabalhos tendo em conta a sensibilidade do contexto arqueológico¹.

Escavaram-se 410 sepulturas e exumaram-se 266 indivíduos, 47 ossários, 3 reduções e mais de 1000 ossos soltos foram identificados. Os dados obtidos constituem uma grande valia na medida em que esta é a primeira grande intervenção arqueológica realizada em Travanca e, nesse sentido, permite caracterizar as práticas funerárias ali exercidas. Observaram-se várias reformulações arquitetónicas dos espaços culturais associados a uma ocupação sepulcral sucessiva do recinto. A longa diacronia do uso do espaço desde pelo menos a Alta Idade Média até aos alvares do período Contemporâneo permitiu registar distintos momentos, distintos tipos e determinadas particularidades funerárias. Porém, neste trabalho, aborda-se apenas as sepulturas escavadas na rocha identificadas e localizadas na nave e no adro sul da igreja e que constituem o testemunho mais antigo da utilização deste sítio como espaço sepulcral.

1.1. Enquadramento

A igreja paroquial de Travanca insere-se administrativamente na União das freguesias de Santa Maria da Feira, Travanca, Sanfins e Espargo, no concelho de Santa Maria da Feira e distrito de Aveiro.

O entorno deste edifício é caracterizado pelo largo da igreja, ladeado por várias casas, e pelos vários campos agrícolas. O local apresenta ligeira pendente em direção ao rio Cáster que se localiza nas proximidades, a oeste. Em termos geológicos predominam os xistos, embora existam algumas manchas graníticas.

Existem desde o século XI algumas referências a Travanca, nomeadamente, na relação de bens de Gonçalo Viegas e Dona Châmoa onde se lê «Item in trabanca at radize de sancta maria quanta fuit de auio nostro dom creconio»² o que permite atestar a antiguidade da ocupação humana do território desde época medieval, pelo menos.

A igreja paroquial de Travanca³ apresenta várias reformulações arquitetónicas até ter obtido o aspeto atual. As mais recentes são facilmente identificadas pois ou estão gravadas em lápides ou epigrafadas na própria argamassa de revestimento e datam da década de 50 do século XX. Consistiram na ampliação do coro alto e do altar-mor, na edificação de escadaria exterior de acesso ao coro alto, na reformulação do adro sul, entre outras.

¹ FONTINHA, FERREIRA, MELO, 2017.

² GONÇALVES, 1981.

³ Inventário do Património Arquitetónico n.º 00030959.

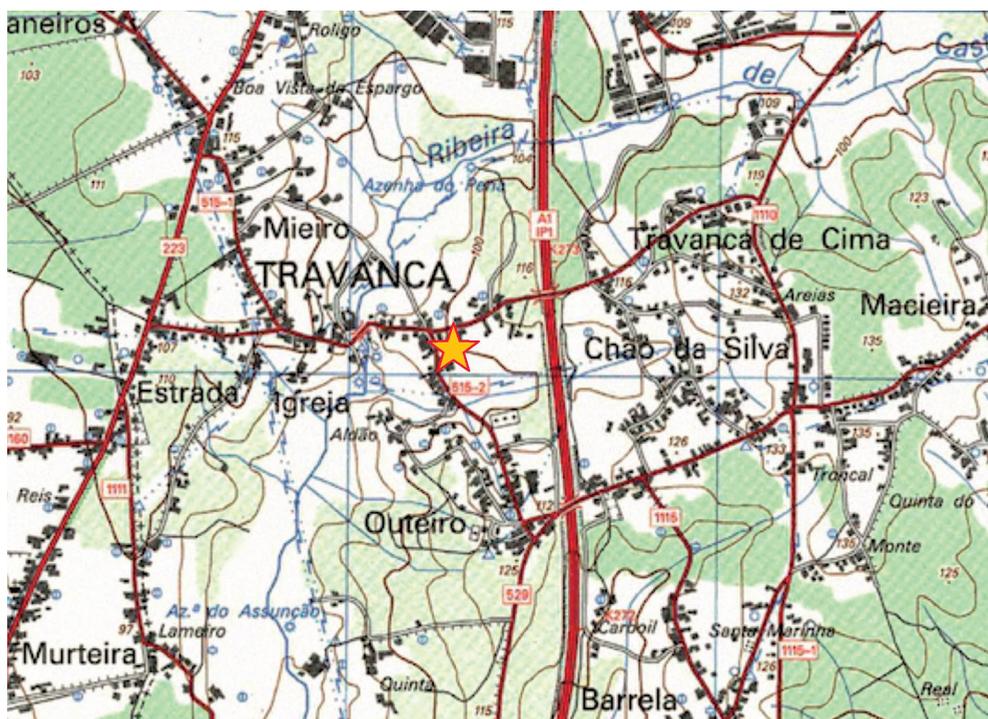


Fig. 1. Localização da Igreja de Travanca. Excerto da C.M.P, 1/25000, folha n.º 153, com a indicação da igreja de Travanca
 Fonte: Excerto da Carta Militar de Portugal, Escala: 1:25000, folha 153

No Sistema de Informação para o Património Arquitectónico⁴ descreve-se no enquadramento histórico-cultural uma fundação medieval do templo sendo posteriormente reconstruído no século XIX e alterado pelas transformações acima descritas.

Na obra «Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Aveiro Zona do Norte», Nogueira Gonçalves⁵ refere que «o edifício atual, inteiramente reconstruído em dois períodos principais, mostra o comum aspeto geral das obras dos construtores regionais; capela-mor, executada nos fins do último século, o corpo já no decénio de 50 do corrente. Colocaram a torre a meio da fachada, metida dentro da obra. O retábulo principal e os dois dos flancos são correntes, sob a sugestão dos tradicionais. Revestiram de talhas douradas todo o pano de parede em que se abre o arco-cruzeiro. Utilizaram os colaterais antigos — do fim do século XVII, de dois pares de colunas torcidas e com pânpanos, a ladearem o pano médio, e de dois outros mas de pilastras-misuladas no corpo de cima — e completaram-nos lateralmente, enchendo todo o pano do alto, de talhas novas». Esta longa citação sintetiza as várias fases do edifício, sendo importante a referência cronológica do século XVII.

⁴ Disponível em <<http://www.monumentos.gov.pt>>. [Consult. 14 abr. 2016].

⁵ GONÇALVES, 1981.

A mesma obra faz referência à escultura do padroeiro São Mamede realizada em pedra de Ançã e que será do final do século XV, obra esta que estaria presente na igreja sendo que atualmente estará guardada, estando exposta no nicho da torre sineira uma cópia. Na tradição oral é referida a existência de uma pequena capela anterior à igreja.

Em termos arqueológicos não há indicação no portal Endovélico⁶ de nenhum elemento arqueológico na antiga freguesia. Existem três arqueossítios assinalados na união de freguesias atual, porém, distantes do local em questão.

1.2. As sepulturas escavadas na rocha: breve Estado da Arte

O estudo de sepulturas escavadas na rocha em Portugal iniciou-se na década de 30 na sequência de estudos desenvolvidos por diversos e ilustres autores da época tais como: Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Martins Sarmiento, Félix Alves Pereira e Vergílio Correia⁷.

Após alguns avanços e recuos é na década de 70, pelas mãos de António Cruz, que há uma clara associação destas sepulturas ao que Catarina Tente e Sandra Lourenço⁸ designaram como periodização medieval.

Porém, abordar esta temática é abordar um assunto complexo e que em determinados pontos divide a opinião dos investigadores. Talvez no que respeita à incerteza da cronologia, da tipologia⁹ e a frequente ausência do contexto estratigráfico¹⁰ torne esta forma de sepultar na Idade Média umas das mais enigmáticas¹¹. São escassas as sepulturas/necrópoles rupestres que não tenham sido violadas ou reutilizadas¹².

No entanto, este tema fica marcado na década de 80 com os estudos sistemáticos de Mário Barroca, resultado de algumas escavações arqueológicas e nomeadamente, fruto do trabalho apresentado à FLUP intitulado *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*¹³.

A partir daí assistiu-se ao aumento de publicações, quer sejam de Norte a Sul de Portugal. Enumerando alguns casos na região nortenha temos os exemplos de trabalhos que abordam diretamente as sepulturas escavadas na rocha ou as incluem no estudo mais alargado do povoamento, como, por exemplo: sobre as necrópoles

⁶ Disponível em <<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>>. [Consult. 14 abr. 2016].

⁷ TENTE, LOURENÇO, 1998: 191.

⁸ TENTE, LOURENÇO, 1998: 192.

⁹ GUEDES, 2007: 276.

¹⁰ BARROCA, 2010-2011: 117.

¹¹ GUEDES, 2007:276.

¹² BARROCA, 2010-2011: 117.

¹³ BARROCA, 1987.

de Fão e Chafé¹⁴; sobre Chaves e os territórios em redor¹⁵; na região do Alto Paiva¹⁶; em redor do Douro¹⁷; no concelho de Lousada¹⁸; sobre Penafiel¹⁹; entre outros.

Em relação à zona centro do país, nomeadamente sobre a zona beirã (interior) temos os casos do estudo sobre a região de Viseu²⁰; sobre a encosta noroeste da Serra da Estrela²¹; a zona que medeia os rios Dão e Alva²²; sobre a serra de Montemuro²³; concelho de Mangualde²⁴; Tondela²⁵; Fornos de Algodres²⁶; sobre Miranda do Corvo²⁷; Fundão²⁸, entre outros.

Sobre o sul do país os trabalhos que versam as sepulturas escavadas na rocha são menores, destacando-se a tese de mestrado sobre a ocupação da serra de São Mamede²⁹; sobre o distrito de Évora³⁰; e já para a zona algarvia destaca-se uma tese sobre São Bartolomeu de Messines³¹.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA IGREJA PAROQUIAL DE TRAVANCA

Ao longo de um ano de intervenção arqueológica foram escavados manualmente 480 m². A considerável área de escavação obrigou à divisão do espaço em cinco áreas como estratégia metodológica, designadas de «A» a «E».

A área A corresponde à nave da igreja, onde foram identificadas sepulturas desde época altomedieval até ao início de época Contemporânea. As sepulturas medievais identificadas e escavadas apresentavam várias formas: valas de planta subretangular, onde ainda se preservava o revestimento da base em placas de xisto, localizadas a sudeste da nave; identificaram-se também algumas sepulturas escavadas na rocha de planta subtrapezoidal, sendo que nalgumas era possível observar alguns traços de antropomorfismo. Apenas numa destas sepulturas foi identificado um indivíduo parcialmente preservado. Observou-se ainda outro tipo de sepultura, apresentando

¹⁴ ARAÚJO *et al.*, 1993.

¹⁵ TEIXEIRA, 1996.

¹⁶ VIEIRA, 2004.

¹⁷ GUEDES, 2015; 2017: 275-287; LOPES, 2002.

¹⁸ NUNES *et al.*, 2006.

¹⁹ SANTOS, 2005.

²⁰ MARQUES, 2000.

²¹ TENTE, 2007, 2010.

²² LOURENÇO, 2007.

²³ RAMOS, 2012.

²⁴ NÓBREGA, 2004; TAVARES, 1999, 2007.

²⁵ ARRAIS, 2012.

²⁶ VALERA, 1990, 1993.

²⁷ SANTOS, 2013.

²⁸ ÂNGELO, 2018: 71-87.

²⁹ PRATA, 2012.

³⁰ TENTE, LOURENÇO, 2002: 239-258.

³¹ CABRITA, 2008.

diferença em relação às demais: vala inferior de planta antropomórfica e vala superior de formato subretangular onde ainda restavam pedras a delimitar. Um aspeto arqueologicamente relevante foi a identificação de uma vala de fundação, posteriormente saqueada, de orientação E-W que cortou parte destas sepulturas, possivelmente de cronologia Moderna. Apesar de apenas terem sido observados alguns vestígios estruturais, visto estas fundações terem sido posteriormente saqueadas na ampliação do templo, é visível que em dado momento existiria aqui uma igreja mais pequena com a fachada recuada em relação à atual. Os dois alinhamentos referidos, de orientação N-S, poderiam aparentemente configurar a zona do primitivo nártex. Observaram-se no limite NW do que seria este templo mais pequeno, provavelmente de Época Moderna, ainda vestígios do cunhal das fachadas oeste e norte. Identificaram-se ainda alguns embasamentos pétreos associados a este edifício que se prolongavam quer para norte quer para sul, e que se encontram hoje integrados sob as fundações do edifício atual, reaproveitados. Identificaram-se também sepulturas pós-medievais cortadas quer pela fachada do templo de época Moderna quer pela construção da torre sineira. Os últimos enterramentos terão sido realizados já no século XIX antes da proibição da utilização das naves das igrejas como espaços sepulcrais. Algumas destas sepulturas acabaram por ser cortadas aquando da instalação da plataforma que vai desde o nártex até cerca de 2/3 da nave e pela escavação para a instalação de um degrau nesta área.

Na área B também foram identificadas algumas sepulturas embora apenas na zona correspondente ao altar-mor antigo, identificado pelos embasamentos pétreos postos



Fig. 2.
Vista da nave
após a intervenção
arqueológica
Fonte: Fotografia de
Carlos Ferreira

a descoberto. Algumas destas sepulturas aparentam corresponder a enterramentos de sacerdotes visto estarem sepultados com uma orientação divergente dos fiéis, ou seja, com a cabeça voltada para nascente. Observaram-se alinhamentos pétreos de diversas épocas, desde época Contemporânea formados por pedras argamassadas com cimento industrial — no local a SE da área **B**. Porém, nos flancos leste e sul desta área identificaram-me outras estruturas cronologicamente anteriores. No flanco leste os embasamentos pétreos eram formados por blocos de granito e xisto ligados entre si com uma argamassa à base de cal e areia. Não foi possível identificar a sua relação com o restante conjunto arquitetónico, devido à limitação da área intervencionada. No lado sul identificaram-se dois alinhamentos pétreos claramente relacionados entre si, numa zona onde o substrato geológico exibia um pendente assinalável. Na verdade, cada alinhamento pétreo aparenta corresponder a dois momentos distintos embora não seja possível identificar, com os dados obtidos, se as primeiras estruturas identificadas corresponderiam ao embasamento das estruturas posteriores ou se seriam momentos temporais distintos, com reaproveitamento posterior. De realçar a identificação no alinhamento pétreo de orientação E-W de vestígios de revestimento com reboco de cal e areia. Esta estrutura acabou por ser reaproveitada em época Contemporânea como alicerce da área de alargamento do altar-mor. Sob esta estrutura pétreo foi parcialmente identificada uma sepultura rupestre, não tendo sido escavada uma vez que não iria ser afetada pelas obras de engenharia previstas. A sul desta estrutura foram identificadas outras estruturas aparentemente anteriores às acima citadas. Destaca-se um alinhamento pétreo, de planta linear, de orientação WWS-EEN (posteriormente identificado também na área **C**), assente parcialmente no substrato geológico, que constituirá a estrutura arqueológica mais antiga identificada, embora sem elementos que a possam balizar cronologicamente. Sobre este alinhamento foi posteriormente assente outro, embora já com a planta ligeiramente curva, provavelmente correspondendo ou a uma abside ou a um muro definidor de um adro antigo. Estará relacionado com uma estrutura orientada N-S cortada posteriormente pela estrutura acima descrita.

A área **C** caracteriza-se por ser um intenso espaço sepulcral, revelando a maior diacronia da intervenção realizada, visto aqui terem sido identificadas sepulturas desde época altimedieval até aos alvares do século XX. As sepulturas mais antigas observadas encontram-se escavadas no substrato geológico, perfeitamente orientadas no sentido E-W. Quase todas apresentam um patamar mais largo, onde nalgumas delas foram identificados blocos de granito e/ou xistos, possivelmente definidores da sepultura. Identificaram-se sepulturas de adultos e não-adultos enquadrados nesta tipologia. As sepulturas posteriores acabaram por cortar parte destas e encontram-se orientadas no sentido WWS-EEN. Acima já se fez referência a um alinhamento pétreo identificado com esta orientação, também identificado nesta área. Poderia corresponder a

um templo antigo, a cerca de 5/6 metros a sul do atual, sendo que estas sepulturas poderiam estar relacionadas com esse espaço cultural, pois encontram-se praticamente alinhadas. Os enterramentos realizados nestes interfaces já apresentam os indivíduos depositados em caixão. Sucedem-se enterramentos já alinhados com a igreja atual e a anterior (Área A) que acabam por cortar parte das sepulturas acima referidas. O último momento sepulcral parece confinar o lado leste da área C (a partir da porta lateral) ao enterramento de não-adultos, tendo esta prática terminado nos inícios do século XX. Importa referir três aspetos: a) nalgumas destas sepulturas foram identificados fragmentos de telha industrial de época Contemporânea; b) a sul da Igreja, a cerca de 500 metros, passou a partir de 1912 a funcionar um novo cemitério; c) nos registos paroquiais o último óbito descrito data de 1911³². Identificaram-se várias ações antrópicas em época recente que afetaram algumas das sepulturas, para lá da intensa reutilização do local como espaço de enterramento.

Na área D observaram-se igualmente várias sepulturas alinhadas com a igreja. Os dados da escavação arqueológica permitem concluir que poderia existir uma plataforma no adro frontal da igreja que acabou por ser alterada com a instalação da escadaria na zona frontal. Este ato construtivo acabou por levar à destruição de várias sepulturas. Nesta área, à semelhança do observado no interior da igreja e no adro sul observou-se uma sucessiva reutilização do espaço, embora não tenham sido identificadas sepulturas rupestres antropomórficas.

Entre as distintas realidades identificadas destaca-se o momento de ocupação mais antigo neste sítio arqueológico, pela presença de dezassete sepulturas escavadas na rocha. Os resultados apresentados em seguida são ainda preliminares visto encontrar-se ainda em fase de estudo.

2.1. Sepulturas escavadas na rocha

Em virtude da sucessiva reutilização funerária do lugar eclesiástico apenas se observaram claramente cerca de dezassete sepulturas escavadas no substrato rochoso de época altomedieval. A contínua escavação de novas valas terá decerto destruído algumas de um conjunto que apresenta algumas variantes.

No essencial pode-se observar quatro tipos distintos de sepulturas escavadas na rocha.

No primeiro grupo, onde apenas foi identificado um exemplar, caracteriza-se pela identificação de uma sepultura rupestre de formato antropomórfico, no interior da nave. Nesta sepultura foi identificado o único indivíduo preservado, embora, aparente corresponder a uma possível reutilização. A altura do indivíduo sepultado é

³² Disponível em <<http://digitalq.adavr.arquivos.pt>>. [Consult. 22 abr. 2016].

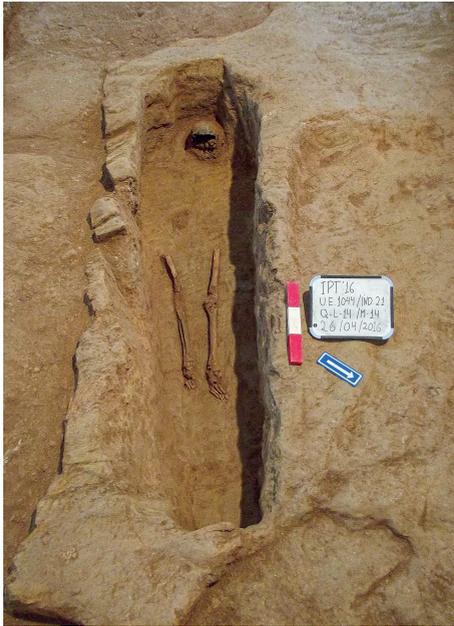


Fig. 3. Sepultura n.º 21
Fonte: Fotografia de Carlos Ferreira



Fig. 4. Sepultura n.º 49
Fonte: Fotografia de Carlos Ferreira

claramente menor do que o comprimento da sepultura. A vala da sepultura encontra-se orientada com a igreja atual.

Num segundo grupo, foram observados dois exemplares, e constitui como relevante a utilização de lajes de xisto a preencherem o fundo da sepultura de forma



Fig. 5.
Sepultura n.º 361 e
Sepultura n.º 362
Fonte: Fotografia de
Carlos Ferreira



Fig. 6.

Sepultura n.º 299

Fonte: Fotografia de Carlos Ferreira

subtrapezoidal. O fundo de uma das sepulturas encontra-se bem preservado enquanto que noutra sepultura apenas já se observam algumas lajes de xisto. Apesar de apenas numa das valas se ter preservado relativamente bem o contorno, neste grupo de duas sepulturas a forma seria subtrapezoidal.

No terceiro grupo, mais numeroso com cerca de dez exemplares identificados, alguns bem preservados, outros menos, apresenta-se de tipo biforme, com um patamar inferior de sepultura com planta antropomórfica e um patamar superior, de planta subretangular, onde nalguns casos ainda se preservam alguns blocos pétreos.

A orientação das sepulturas do segundo e terceiro grupo são similares, rondando os 270°, divergentes com a planta do templo atual.

Num quarto grupo, englobam-se quatro sepulturas que pelo seu grau de destruição posterior não é possível o seu enquadramento no grupo I, II ou III (indeterminadas).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados arqueológicos aqui apresentados, de forma ainda preliminar, pretendem contribuir para a caracterização do povoamento medieval de Travanca. Território este que se encontrava inserido nas Terras da Feira, importante polo no Entre-Douro-e-Vouga³³, e que durante a Alta Idade Média se encontrava em permanente alteração.

³³ MATTOSO, KRUS, ANDRADE, 1989.

Se é verdade que muitas vezes conhecemos melhor o mundo dos mortos, precisamente por esta forma tão característica peninsular de os enterrar, do que a paisagem que habitavam e cultivavam os vivos³⁴, com os dados desta intervenção arqueológica permanecemos (ainda) com a falta de dados para conhecer o mundo dos vivos do período da Alta Idade Média em Travanca.

Porém, tal número de sepulturas observadas parece indicar que já se estaria perante uma forma de povoamento organizada, visto não se estar em presença de enterramentos isolados ou restritos a pequenos núcleos. O que dará pistas para compreender a paisagem altimedieval de Travanca, precisamente inserida nos importantes domínios das Terras da Feira, importante núcleo que liga o eixo Porto- Coimbra e o interior ao litoral.

Daí que poderá concluir-se que as formas de enterramento mais antigas identificadas já estariam inseridas numa organização social mais complexa, mais aglutinadora. Utilizando a tipologia que Inaki Martín Viso³⁵ definiu, no caso do grupo «III» de Travanca estar-se-ia perante uma necrópole de sepulturas agrupadas alinhadas, com cerca de dez sepulturas, que seguem todas uma orientação comum (neste caso, cerca de 270°). Apesar de uma visão arqueológica certamente parcelar, devido à já referida sucessiva ocupação do espaço, não se identificam grupos isolados de sepulturas. Uma das questões que os dados da intervenção arqueológica não conseguiram ainda apurar é se esta necrópole altimedieval estaria associada a um templo, pois esta associação não pode ser direta. As observações da intervenção arqueológica, nomeadamente das várias estruturas / alinhamentos identificados no adro sul, não permitam definir, com certeza, a existência de um templo. No território português se há casos em que isso sucede, por exemplo na Beira Interior, como São Pedro de Lourosa, Moreira de Rei, Trancoso, Numão, noutros tal não se verifica, como é o caso de São Gens (Celorico da Beira).

Outra das questões que fica por resolver é a sua cronologia. Efetivamente, não há dados arqueológicos que permitam balizar a ocupação mais antiga na igreja paroquial, plasmada, numa dezena de sepulturas escavadas na rocha conservadas.

Ainda assim, a relevância dos contextos arqueológicos observados sugere que Travanca, ainda antes de ser paróquia, pudesse já ocupar um lugar de relevo nas Terras da Feira, ao observar-se uma ocupação altimedieval, plasmada nas diversas sepulturas escavadas na rocha.

³⁴ MARTÍN VISO, 2012a: 3

³⁵ MARTÍN VISO, 2012a: 3-45; 2012b: 165-187.

BIBLIOGRAFIA

- ÂNGELO, Maria João (2018). *Sepulturas escavadas na rocha na envolvente da Torre dos Namorados em Quintas da Torre, Fundão*. «EBVROBRIGA, História, Arqueologia, Património, Museologia». 9, 71-87.
- ARAÚJO, Teresa *et al.* (1993). *Antropologia de duas necrópoles medievais do Norte de Portugal: Fão e Chafé, um exemplo de duas escavações «antagónicas»*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 33: 1-2, 431-447.
- ARRAIS, A. J. do N. (2012). *Arqueologia das terras de Besteiros: contributos para a carta do património arqueológico do concelho de Tondela*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.
- BARROCA, Mário (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário (2010-2011). *Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho*. «Portvgalia». Nova série. 31-32, 115-182.
- CABRITA, Luís Miguel Guerreiro (2008). *Povoamento Alto Medieval de São Bartolomeu de Messines*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- FONTINHA, Artur; FERREIRA, Carlos; MELO, Linda (2017). *Recuperação e Ampliação da Igreja de Travanca em Santa Maria da Feira*. Matosinhos. [Relatório preliminar].
- GONÇALVES, António Nogueira (1981). *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Aveiro Zona do Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- GUEDES, César (2015). *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- GUEDES, César (2017). *As sepulturas escavadas na rocha e as leituras possíveis de um território a sul do Douro*. In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana; BARREIRA, Hugo, coord. *Genius Loci, Lugares e Significados / Places and Meanings*. Porto: CITCEM, vol. 2, pp. 275-287.
- INVENTARIO do Património Arquitetónico n.º 00030959. [Consult. 14 abr. 2016]. Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=30959>.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002). *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as Necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- LOURENÇO, Sandra (2007). *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. «Trabalhos de Arqueologia». 50.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (2000). *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Viseu: Ed. do Autor.
- MARTÍN VISO, Iñaki, (2012a). *Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos. De la necrópolis a la parroquia en el centro de la Península Ibérica*. «Reti Medievali. Rivista». 12: 2, 3-45.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012b). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la alta edad media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MATTOSO, José; KRUS, Luís; ANDRADE, Amélia Aguiar (1989). *O Castelo e a Feira: séculos XI a XIII*. Lisboa: Editorial Estampa.
- NÓBREGA, Pedro Pina (2004). *Sepulturas escavadas na rocha da freguesia de Quintela da Azurara*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NUNES, M. *et al.* (2006). *Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim)*. «OPPIDUM. Revista de Arqueologia, História e Património». 1.

- PRATA, Sara (2012). *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- RAMOS, Mafalda (2012). *Para o estudo de Montemuro na Idade Média (Sécs. V-XII): Entre a serra e o curso médio do Bestança*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos (2005). *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de Ocupação do Território (875-1308)*. «Cadernos do Museu». 10, 5-100 [CD Rom].
- SANTOS, Vera (2013). *Intervenção arqueológica no Alto do Calvário, Miranda do Corvo: a necrópole rupestre*. «Medievalista [Online]». 14. Disponível em <<http://journals.openedition.org/medievalista/383>> [Consult. 19 abr. 2017].
- TAVARES, António (1999). *Sepulturas escavadas na rocha no Concelho de Mangualde*. Mangualde: [Edição do autor].
- TAVARES, António (2007). *Sepulturas escavadas na rocha das freguesias de Cunha Baixa e Espinho (Mangualde). Contributos para a História da Alta Idade Média numa micro-região*. Mangualde: Grupo Cultural e Recreativo de Santo Amaro de Azurara.
- TEIXEIRA, Ricardo (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado
- TENTE, Catarina, (2007). *A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 47).
- TENTE, Catarina (2010). *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-218.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas medievais do distrito de Évora*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.
- VALERA, António (1990). *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres*. Fornos de Algodres: G.A.F.A.L.
- VALERA, António Carlos (1993). *Património arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres, 1ª fase da carta e roteiro*. Lisboa: Associação de Promoção Social Cultural e Desportiva de Fornos de Algodres.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004). *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. «Trabalhos de Arqueologia». 36.

